



## DO SERTÃO AO CERRADO DO PLANALTO CENTRAL: UMA QUESTÃO DE NOMENCLATURA

Antón Corbacho Quintela<sup>1</sup>

### O apagamento do sertão

Oficialmente, já não há mais *sertão* em Goiás, embora possa ser reconhecida a presença de traços culturais sertanejos na identidade regional. No *Mapa de Biomas do Brasil* e no *Mapa de Vegetação do Brasil*, lançados em 2004 pelo IBGE, a localização do sertão é muito restrita, limitando-se ao Nordeste e associando-se ao clima semi-árido de parte dessa região e ao Bioma Caatinga (IBGE, 2004). Assim se tratando, na atualidade, o sertão consistiria, nos territórios outrora abrangidos pelo termo, isto é, nos territórios distantes das capitais dos estados litorâneos, ou em uma “categoria do pensamento social” ou em uma simbólica “categoria cultural”, duas conceituações forjadas por Janaína Amado no seu artigo *Região, nação, sertão* (Amado, 1995). Nesse sentido, o sertão, como “categoria do pensamento social”, tem sido um dos motivos que as construções historiográficas vincularam às essências da nacionalidade brasileira; por sua vez, a “categoria cultural” indicaria, nos estudos sobre o imaginário, a reunião, no *locus* sertão, das peculiaridades dos campos sociais das regiões interioranas.

A desaparecimento do termo *sertão* como a imagem com a qual se identificava o Estado de Goiás foi diretamente proporcional à consolidação do termo *cerrado* como um dos símbolos estaduais. Trata-se de termos que não estão

necessariamente relacionados. O cerrado, *stricto sensu*, é um dos tipos fitofisionômicos que ocorrem na formação savânica, ou, como sumaria Bruno Machado Teles Walter na sua tese *Fitofisionomias do bioma Cerrado: síntese metodológica e relações florísticas*, é “uma savana floristicamente rica” (Walter, 2006: 18). O termo *cerrado* indica *a priori*, portanto, um tipo de vegetação – um bioma. Esse termo, porém, passou a compreender um domínio morfoclimático e fitogeográfico em que ocorrem outros biomas além do bioma *cerrado* – as matas mesófilas de interflúvio, as manchas de caatinga, as florestas galeria. Assim, observa-se que, desde meados do século passado, o uso do termo ultrapassou os limites da categoria fisionômica terrestre em que está inserido, ou da rubrica fitogeográfica da qual faz parte como tipo de formação vegetal, para abranger todo o espaço geográfico rural goiano. Há, pois, como assinala Leopoldo Magno Coutinho no artigo *O bioma do cerrado* (Coutinho, 2002), um bioma *cerrado* e um domínio *cerrado*; este abrange o bioma homônimo e as outras feições morfológicas ou condições ecológicas do Estado de Goiás. Desse modo, o cerrado começou a ser identificado com o Brasil Central ao mesmo tempo em que o Estado de Goiás se livrava do sertão como um dos seus referentes identitários. Encontram-se indícios desse processo na obra *A Nova Capital Federal e o Planalto Central do Brasil*, do médico higienista Antonio Martins de Azevedo Pimentel (1985 [1894]), na qual se narra a ação da comissão de cientistas aprovada pelo Congresso Nacional em 1892 para a exploração do Planalto Central com o intuito de demarcar, sob a presidência de Luiz Cruls, a área que deveria ser ocupada pela futura capital dos Estados Unidos do Brasil, o chamado “quadrilátero Cruls”. A obra de Pimentel, baseada nas suas impressões como membro dessa comissão, acrescentou dados

<sup>1</sup>Professor da Faculdade de Letras/ UFG. Investigador do Grupo GALABRA/ Universidade de Santiago de Compostela.

ao oficial *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil* (Cruls, 1947 [1894]); na seção dedicada à Botânica, Pimentel expressa o seguinte:

Em Goyaz, além das espessas mattas que acompanham os seus cursos d'água, e das que algumas vezes se encontram nas encostas das serras, existe uma faixa florestal, que passa entre Pyrenopolis e a capital, com a largura variável de 80 a 100 kilometros e o comprimento excedente de 400. É o *matto grosso* de Goyaz. O mais se pode comparar com o que no Estado do Rio de Janeiro se denomina *capoeirões* e *capoeiras*, constituindo aquelles quase todos os *capões* de cabeceiras, e estas grandes porções de superfície lavradia. Estas formas são communs ao littoral e ao centro do Brazil; mas o que ao centro é peculiar, o que excita a admiração pela estranheza das apparencias singulares e define o character phytologico do planalto, ou, mais amplamente, do que em geral se chama – o *sertão* – vem a ser a vegetação dos *cerrados* ou *catingas* e a dos *campos* (Pimentel, 1985: 82).

Nesses três parágrafos recolhe-se a nomenclatura relativa aos tipos da formação vegetal de Goiás. Por um lado, o autor aponta as matas de galeria – “mattas que acompanham os seus cursos d'água”, matas das “encostas das serras” –; por outro, menciona o “*matto grosso*” goiano, a floresta tropical que seria estudada, monograficamente, na década de 1940, por Speridião Faissol (1952). Fazendo uso de termos que ele considera próprios da variedade linguística carioca, identifica em Goiás “*capoeirões*” e “*capoeiras*”. Diz que os “*capoeirões*” são os “*capões* de cabeceiras”, ou seja, matas isoladas em campos limpos, e caracteriza as “*capoeiras*” – provavelmente *campos cerrados* e *campos sujos* – como “grandes

porções de superfície lavradia”. Todavia, o que é de mais interesse para os fins deste artigo é que, no último parágrafo, ele frisa que o “centro” ou o “planalto” – o *Planalto Central* – eram, então, genericamente englobados sob o termo “sertão”. E, além disso, Pimentel reconhece que aquilo que distinguia esse sertão, era, além dos campos, os “*cerrados*”, embora ele, desacertadamente de uma ótica contemporânea, os faça equivaler às *caatingas*. *Planalto* e *cerrado* começam, pois, no final do séc. XIX, a concorrer com *sertão* como formas de indicar Goiás. Outra forma – a *hinterlândia* ou o *hinterland* – entrou, com força, mas sem sucesso, nessa concorrência na década de 1930; a ela recorre Victor Coelho de Almeida, na sua obra *Goiáz: usos, costumes, riquezas naturais* (Almeida, 1944), quando destaca a atração que o Estado de Goiás começava a despertar no resto do Brasil: “Goiáz tornou-se conhecido e apreciado. Numerosos turistas e não menor número de industriais têm ocorrido a este *hinterland*, há pouco desconhecido, sendo atraídos pela inteligente propaganda, que tem sido feita, das belezas naturais e da riqueza da terra goiana” (Almeida, 1944: 135).

Entre as décadas de 1930 e 1950, as expressões *Oeste*, *Coração do Brasil* e *Brasil Central* também contribuíram ao deslocamento, em relação a Goiás, do termo *sertão*. A primeira dessas expressões foi apresentada à nação aos 31 de dezembro de 1937, quando Getúlio Vargas enunciou, na transmissão radiofônica da sua mensagem de fim de ano, que “o verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para o Oeste”; *Oeste* também foi o título dado à revista mensal mediante a qual o Governo de Pedro Ludovico visou, entre 1942 e 1945, a divulgação das reformas modernas que queria imprimir ao Estado de Goiás. Geraldo Teixeira Alvares, em um parágrafo

do capítulo O valor educativo das obras, no estudo *A luta na epopéia de Goiânia: uma obra de engenharia nacional* (Alvares, 1942), combina os termos *Oeste* e *sertão*, associando, por um lado, o passado de Goiás ao sertão e, por outro, a modernidade ao Oeste. Escreveu ele: “Eis que a arquitetura moderna havia invadido o Oeste, provocando choques, que foram derruindo, não sem grandes resistências, os métodos e estilos de vida que se estratificaram nas longínquas cidades do sertão” (Alvares, 1942: 179).

A expressão *Coração do Brasil* fora inicialmente reivindicada pelo Estado de Minas Gerais. *O coração do Brasil* foi o título dado por Manuel Bernárdez à recopilção das suas crônicas sobre Minas Gerais, lançada em 1922 pela editora carioca João Leite. Todavia, a ela recorreu com ênfase o prefeito Venerando de Freitas no discurso com o qual saudou o Presidente Vargas na primeira visita deste a Goiânia, em 5 de agosto de 1940. Essa imagem lírica arraigou-se em Goiás, mantendo-se na atualidade o seu uso retórico. Venerando de Freitas justificou a sua aplicação a Goiás, perante Vargas, como se segue:

Excelência!

Estas plagas serenas, onde o arrojo de um brasileiro destemido plantou uma cidade, jamais tiveram a ventura de receber em seu regaço um Chefe de Estado. *Coração do Brasil* pela posição geográfica, *Coração do Brasil* pelos sentimentos de brasilidade de seus filhos, *Coração do Brasil* por irrigar com suas águas as três bacias – Amazônica, Oriental e Platina – Goiás de outrora se via jogado à margem dos acontecimentos, sem estímulo, vivendo a sua vida primitiva, desgarrado da comunhão nacional, dormitando à espera de quem lhe viesse despertar as energias latentes (Teixeira, 1973: 115).

A expressão técnica *Brasil Central*, ao abranger todo o Centro-Oeste e ultrapassar os limites de Goiás, ainda que fosse de bastante uso entre as décadas de 1930 e 1950 aplicada a Goiás, não prevaleceu como uma forma predominante para a identificação do estado. Tal expressão teve grande difusão a partir da publicação, sob o título *Pelo Brasil Central* (Rondon, 1934), dos relatos do Cap. Frederico A. Rondon por toda a região e consolidou-se por meio da criação, pela União, em 1943, da Fundação Brasil Central. Em Goiás, a associação com o Brasil Central foi especialmente empregada durante a gestão do governador Jerônimo Coimbra Bueno. Ele instituiu, em 20 de outubro de 1948, a Universidade do Brasil Central,

nunca materializada, e, através da fundação que levava os seus sobrenomes – Fundação Coimbra Bueno –, criou-se, em 3 de março de 1950, a Rádio Jornal Brasil Central. Na monografia *Goiás, uma nova fronteira humana* (Conselho de Imigração e Colonização, 1949a), surgida dos entendimentos entre Jorge Latour, presidente do Conselho de Imigração e Colonização, e o governador Coimbra Bueno, é bastante frequente a expressão *Brasil Central* como referente de Goiás, assim como o é nas *Atas da I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização* (Conselho de Imigração e Colonização, 1949b), realizada em Goiânia de 30 de abril a 7 de maio de 1949.

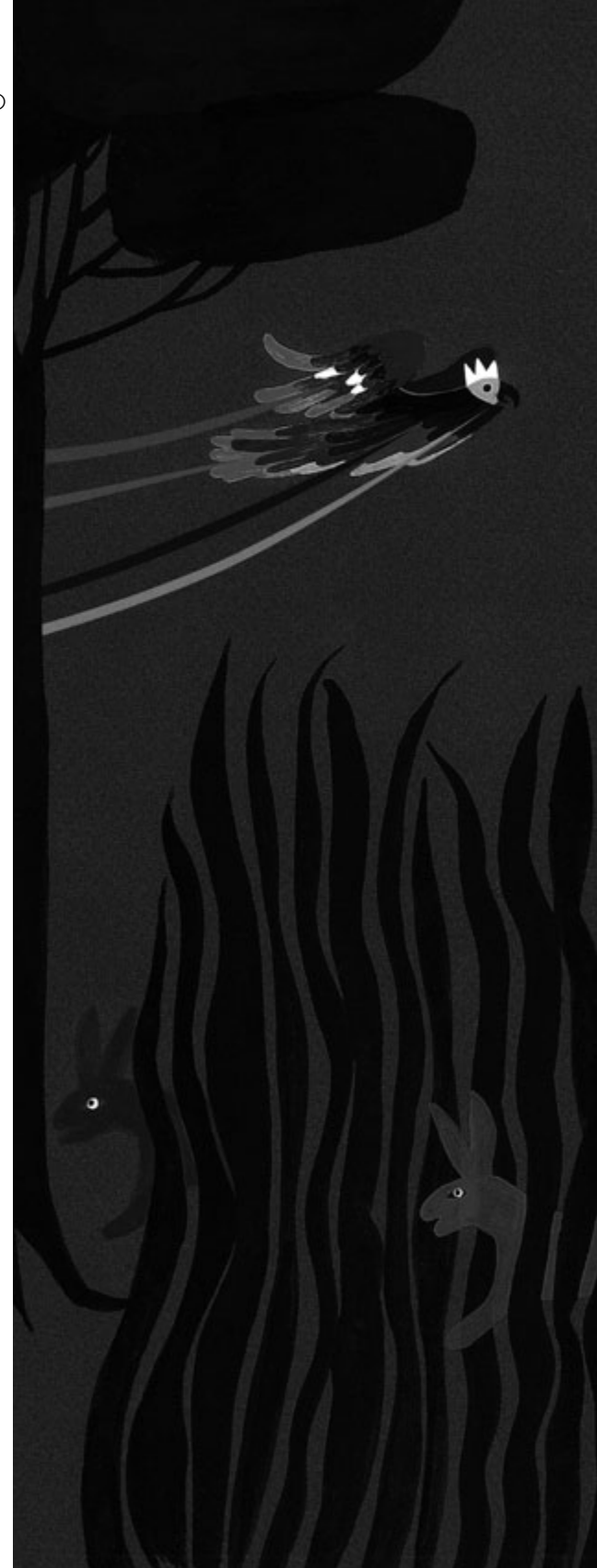
O termo *sertão*, no entanto, continuou abundando, durante as décadas de 1930 e 1940, nas obras em que brasileiros não-goianos tratavam do Estado de Goiás. Francisco de Barros Junior, por exemplo, em *Caçando e pescando por todo o Brasil – Mato Grosso e Goiás* (Junior, 1947) usa a expressão “desconhecido sertão” (Junior, 1947: 354) para indicar os lugares do território goiano onde planejava fazer as suas caçadas, e Hermano Ribeiro da Silva, em *Nos sertões do Araguaia* (Silva, 1949 [1935]), incorpora as nascentes do Araguaia na expressão “Grande Sertão Central” (Silva, 1949: 26). A inflexão que provocou o definitivo apagamento do termo *sertão* associado a Goiás deveu-se à interiorização da Capital Federal, a qual causou que se unisse o nome do estado à expressão Planalto Central.

Francisco Adolfo Varnhagen, em *A questão da Capital: marítima ou no interior?* (Varnhagen, 1877), afirmara o seguinte referindo-se à mudança da Capital Federal para o sertão:

Do exito completo da viagem, tanto em favor da ultima idéa, de procurar localidades de sertão mais apropriadas a centros de colonização européia, como de reconhecer, e haver encontrado, mui superior a toda expectativa, a paragem em que, por uma especie de presentimento (bem que apoiado em dados geographicos), havíamos recommendado para a futura capital da *União Brazílica*, não podemos dar melhor conta se não transcrevendo a comunicação que da villa Formosa da Imperatriz [de Goiás] dirigimos para a Côrte (Varnhagen, 1877: 26).

Porém, na Resolução n. 388, de 21 de julho de 1948, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Estatística, que exprimia votos e sugestões desse Conselho a propósito da transferência da Capital da República, não se menciona mais o sertão e consolida-se a expressão *Planalto Central do Brasil*, associando-se,

esta, à expressão *Espigão Mestre* no tocante ao quadrilátero Cruls e tornando-se, ambas, oficiais, chegando a expressão *Planalto Central do Brasil* a ser qualificada e desenvolvida como um “conceito geopolítico” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1948: 9-20). Assim se tratando, passada quase uma década, o presidente Juscelino Kubitschek, em suas declarações, sempre se referiu ao local em que se erguia a nova Capital Federal recorrendo à expressão Planalto Central. Eis um famoso discurso seu, pronunciado durante a sua visita à região escolhida para a Nova Capital: “Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino” (Kubitschek, 1952). A amalgamação entre o espaço de Brasília e o Planalto Central projetou com intensidade a associação entre o Planalto Central e o Estado de Goiás, diminuindo a junção que houvera durante dois séculos entre Goiás e o sertão. Foi, então, quando, em um único vocábulo, se englobou todo o espaço físico que, além das cidades, havia no Planalto Central. Esse vocábulo foi o *cerrado*. O título de um estudo de Mauro Borges, publicado em Brasília em 1985, reflete perfeitamente a consolidação dessa transformação na nomenclatura. Esse estudo contém uma proposta para a duplicação da produção de grãos no Estado de Goiás; o nome escolhido para a publicação foi *A conquista do cerrado* (Borges, 1985), o qual faz lembrar a conquista do sertão pelos bandeirantes ou a marcha para o Oeste da Era Vargas. Todavia, é claro que, em relação a Goiás e devido às mudanças na circunstância socioeconômica, esses ternos – *sertão* e *Oeste* – careciam na década de 1980 da força representativa e do poder simbólico que antes tiveram; o *Planalto Central* e o seu *cerrado* consolidaram-se terminologicamente. A seguir, comenta-se o processo de fixação do termo *cerrado* no Planalto Central.



### A palavra cerrado

Na passagem do séc. XVIII ao séc. XIX, a palavra *cerrado* adquiriu uma nova categoria gramatical e uma nova acepção. Deixou de ser unicamente um adjetivo que significava *obstruído, fechado, vedado* e concretizou-se em um substantivo próprio com o qual se indica um tipo de vegetação. Como adjetivo, a palavra *cerrado* provem do particípio de *cerrar* (do latim tardio *SERARE* [Cf. Corominas, 1987 [1961]]). Por sua vez, esse verbo é classificado, no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, como um empréstimo ao português, por parte da língua espanhola, já registrado na Idade Média (séc. XIII) (Instituto Antônio Houaiss, 2010). O substantivo próprio *cerrado* não é, pois, uma criação científica; também não é uma palavra do substrato indígena brasileiro. É uma palavra que estava na fala popular dos colonos luso-brasileiros e que os cientistas estrangeiros do séc. XIX acharam idônea para definir o solo, a flora e a paisagem que eles investigavam. O uso distintivo que os sertanejos goianos faziam da palavra *cerrado* fica patente no seguinte comentário que Cruls registrou no acima mencionado *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*: “No dia oito de outubro consegui finalmente acampar de um modo definitivo na encosta de um chapadão suave, coberto de pequenas árvores, regularmente espaçadas, que os goianos distinguem pela denominação de cerrado” (Cruls, 1947 [1894]: 92). A consolidação do termo *cerrado* para a indicação de um bioma savânico deveu, entretanto, aguardar a superação de outras propostas científicas e foi consequência do solapamento de outros nomes patrimoniais na língua portuguesa. O bávaro Carl Friedrich Philipp von Martius, quem permaneceu no Brasil desde 1817 a 1820, ao delinear o primeiro esboço da fisionomia vegetal do país batizou o atual domínio florístico do cerrado aplicando um nome das ninfas da mitologia grega – o sub-reino das “Oréades” (Martius, 1840/1906) –, termo que perdurou até o séc. XX. No sub-reino das “Oréades”, ele identificou o “campo acarrascado”, o “campo acatinado”, o “taboleiro [tabuleiro] coberto”, o “taboleiro cerrado” e os “capões” (Martius, 1943 [1824]: 257). Para se referir ao bioma *cerrado*,

o francês Auguste de Saint-Hilaire, cuja estadia no Brasil durou de 1816 a 1822, não criou um termo que abrangesse todas as fisionomias dessa savana, mas ele valeu-se da expressão popular utilizada na época da qual também fizera uso Martius – “tabuleiros cobertos” (Saint-Hilaire, 1975: 29), hoje em desuso. Para Saint-Hilaire, em contraste com os “tabuleiros cobertos” estavam os “tabuleiros descobertos”, isto é, os campos limpos. Reparando nas palavras de Cruls acima transcritas, observa-se que, sete décadas após as expedições de Martius e Saint-Hilaire, o termo *cerrado* impusera-se ao termo *coberto*, embora haja que inferir que ambos conviveram no séc. XVIII disputando-se a frequência de uso entre os goianos e a adequação à acepção.

### O uso setecentista da palavra cerrado na Península Ibérica

No séc. XVIII – o século em que se iniciou o povoamento de Goiás por paulistas e emboabas, a acepção básica com a qual se empregaria o adjetivo *cerrado* no Brasil – a de terreno coberto de vegetação – estava no uso que se fazia da língua castelhana na região da Galiza, no Noroeste da Península Ibérica. Assim, na resposta à quarta questão contida no *Catastro de Ensenada. Respuestas Generales de la feligresía de San Paio de Carreira* (Inquérito do [Marquês] de Ensenada – ministro do rei espanhol Fernando VI –. Respostas Gerais da freguesia de São Paio de Carreira), de 1753 (Sampedro, 2006), consta o adjetivo *cerrado* aplicado à vegetação, significando área coberta, a presumível denotação primigênia associada ao vocábulo *cerrado* para a qualificação de um tipo de campo. O mencionado *Catastro de Ensenada* tinha como objetivo o levantamento dos bens dos súbditos da Coroa de Castela com vistas à fixação das contribuições devidas ao erário. Para esses fins, compusera-se um inquérito com quarenta questões, as quais deviam ser respondidas pelos representantes de cada paróquia do Reino. A quarta questão era esta: “Qué especies de tierra se hallan en el Término [...]? (Que tipos de terra há na Freguesia?)”. Ela foi respondida, em castelhano, pelas autoridades da Freguesia de São Paio de Carreira – um território galego(luso)-falante – como se segue: “A la quarta digeron que en el territorio de esta feligresía se allan las especies de tierra de herval, regadío y secano, algunos parrales de viñedos, toxales cerrados, y monte aviertos” (À quarta disseram que no território desta freguesia se acham os seguintes tipos de terra: ervaçal, regada e seca, algumas parreiras de videira, tojais cerrados e monte aberto). Os “tojais” da citação modificados pelo adjetivo “cerrados” significam campos cobertos por tojos – arbustos –. Isto é, no espanhol do séc. XVIII da Península Ibérica encontra-se a acepção que era também dada ao adjetivo *cerrado* no português nesse século.

Em outro documento do séc. XVIII é nítido o compartilhamento da acepção “(terreno) coberto de vegetação” para o adjetivo *cerrado*. Ele integra o *Tratado da Questão de limites entre o Brasil e a República Argentina submetida a decisão arbitral do Presidente Cleveland, dos Estados Unidos da América*, publicação datada em 1894 (*Statement*, 1894). Essa obra contém o processo autuado pela presidência estadunidense com vistas à arbitragem para a demarcação de fronteiras entre o Brasil e a Argentina na região de *Misiones*. Fez parte desse processo um relatório assinado aos 3 de janeiro de 1760 pela comissão hispano-lusa incumbida do reconhecimento dos lindes coloniais desde o Uruguai até o Salto da Marca e que levantara, com esse intuito, o curso do rio de Santo Antônio. Embora se tratasse de uma comissão mista, tal levantamento foi feito separadamente, primeiro pelos espanhóis e depois pelos portugueses. No relatório redigido pelos espanhóis consta a seguinte descrição

Pero considerándose que el trabajo de esta División hasta el pie del Salto Grande del río Paraná puede ser impracticable en los términos que ha propuesto la Corte de Lisboa, por los montes cerrados y sin camino alguno, y ríos de corta navegación, como son el Pepirí-Guazú y San Antonio, distantes de toda población que les pueda dar algún socorro (*Statement*, 1894).

Por sua vez, no relatório português, eis o texto em que se emprega o adjetivo *cerrado*:

Do modo referido se poudo executar este parte de Demarcação, com a diligência e trabalho que se deixa entender para superar a escabrosidade de huns montes cerrados, impenetráveis e de todo ignorados, sem mais vereda que a que abrião os braços dos soldados, nem mais guia que a bruxula (*Statement*, 1894).

No texto em castelhano especifica-se que, além de “cerrados”, os montes não tinham nenhum caminho e, no texto português, assinala-se que os “montes cerrados” eram “impenetráveis” e que careciam de qualquer vereda. Essas especificações indicam que, *a priori*, a vegetação que, ao cobrir os montes, os convertia em “montes cerrados”, não impedia a passagem por eles. Os montes aos quais se referem as citações acima eram, sim, de difícil trânsito, mas por características que iam além do fato de serem *cerrados*. Eis o motivo das especificações que acompanham os “montes cerrados”. A denotação *coberto de vegetação* do adjetivo *cerrado*, compartilhada pela língua portuguesa e pela espanhola, era a que modificava os *campos* do Planalto Central quando estes foram qualificados como *cerrados*. Todavia, no Planalto Central, o adjetivo *cerrado*, provavelmente ainda no séc. XVIII, foi nominalizado, transformando-se em substantivo e ganhando uma denotação distintiva.

Nos documentos tocantes ao descobrimento e administração das minas dos *Guaiazes*, remetidos à metrópole desde a Capitania de São Paulo a partir da década de 1720, não consta o adjetivo *cerrado*. O intuito desses relatórios não era a descrição da fauna e da flora da região das minas goianas, nem tão sequer o destaque das peculiaridades dos povos aborígenes da região, senão a exposição dos logros e das dificuldades na ação exploratória. De fato, nesses documentos, a palavra à qual se recorre para caracterizar o território dos *Guaiazes* é *sertão*. Victor de Carvalho Ramos, em *O descobrimento de Goyaz* (Ramos, 1925), consagrou a carta de Rodrigo César de Menezes – governador de São Paulo –, de 27 de outubro de 1725, como o documento básico da história de Goiás, equiparando-o proporcionalmente, em valor simbólico, à *Carta de Caminha* (Ramos, 1925: 9-10). Nem nesse, nem nos documentos subsequentes, relativos a Goiás, enviados à Corte no séc. XVIII aparece a palavra *cerrado*. Na mencionada carta, o atual espaço goiano é, simplesmente, identificado com um dos sertões abrangidos pelo Reino de Portugal:

e estando para despedir as vias, chega o explorador dos descobrimentos dos *Guaiazes*, Bartolomeu Bueno da Silva, que mandei no ano de 1722 àquele sertão em o qual andou três anos e dois meses sem poder acertar com a paragem que buscava, por haver quarenta anos que a tinha visto de cujo dilatado tempo se seguiu dificultar-lhe o que a fantasia lhe facilitava (Arquivo Histórico Estadual, 1980: 35-6).





A geografia goiana e a sua população nativa – especialmente os gentios Caiapós – só foram mencionadas, como objeto de interesse, na documentação administrativa setecentista na medida em que elas afetavam aos trabalhos nas lavras. Frente à identificação contemporânea do Planalto Central com o cerrado, a identificação setecentista do sertão goiano era feita com o ouro, com os trabalhos para extraí-lo e com o gentio. Assim, os traços distintivos dos campos e das matas dos sertões do Centro-Oeste não foram apontados na produção escrita desse período. Haverá que aguardar ao início do séc. XIX para que, com a decadência da extração do ouro e o assentamento estável de sertanejos em povoados e fazendas centrados na agropecuária, se inicie, como consequência do interesse científico que motivaram aos estudiosos naturalistas as províncias de Minas Gerais e Goiás, a descrição dos *campos cerrados* e do *cerrado* propriamente dito. Foi, portanto, a mudança do foco de interesse no sertão goiano, passando-se da riqueza aurífera à riqueza agro-pecuária, o que originou o registro, na escrita, dos nomes dos tipos de vegetação nesses sertões. No entanto, cumpre frisar que a aplicação do termo *cerrado* para alguns tipos de vegetação dos sertões mineiros e goianos não emana de uma nomenclatura científica criada *ad hoc*; essa aplicação partiu da fala dos sertanejos. Os naturalistas oitocentistas que descreveram o *cerrado* limitaram-se a registrar, nos seus estudos fitofisiológicos, que esse era o termo utilizado pelos colonos ao se referirem a um dos tipos de campo e de mata que eles estudavam. O sociólogo Ricardo Ferreira Ribeiro (2005), em sua obra *Florestas anãs do sertão – O Cerrado na História de Minas Gerais*, refere-se, como se segue, a esse registro tardio do termo *cerrado* em relação ao Brasil Central:

O uso do termo “Cerrado” para designar a paisagem natural ou mesmo a vegetação do Brasil Central é relativamente recente, e muitas outras denominações foram utilizadas antes. Pouco descrita até o início do século XVII, quando os relatos

das entradas pelo sertão se referem à região como formada de “largos campos e de collinas despeidas de arvores”, conforme menciona o mineiro prático holandês Willem Jost Ten Glimmer, que acompanhou a bandeira de André de Leão, em 1601 (Ribeiro, 2005: 47-48).

### O cerrado como substantivo

Foram poucos os estudiosos do séc. XIX que registraram o termo *cerrado*, de uso presumivelmente frequente entre os camponeses mineiros e goianos. Nos seus apontamentos fitológicos, dentro da *Corografia brasílica ou Relação histórico-geográfica do reino do Brasil*, Manuel Aires de Casal (1976 [1817]) não o menciona. Ele, na apresentação do “Distrito do Tocantins”, fazendo parte do capítulo dedicado à descrição da Província de Goiás, usa os vocábulos “matas”, “catinga” e “charnecas” na classificação da vegetação (Casal, 1975: 155). O vocábulo “charnecas”, no idioleto do P. Casal – oriundo de Portugal –, não teria a acepção regionalista brasileira de *pântano*, senão que a sua acepção seria a do regionalismo português: “vegetação xerófila que cresce nas regiões incultas e arenosas, caracterizada por arbustos e plantas herbáceas resistentes” (Instituto Antônio Houaiss, 2010), a mais próxima, relativamente, aos *campos sujos*. Por sua vez, a palavra “catinga” é apontada por Casais como o termo usado pelos goianos ao se referirem ao que atualmente se denomina *cerrado*. Assim o expressa na Introdução ao capítulo Província de Goiás:

A face do país quase geralmente desigual, e em poucas partes montanhosas, é quase por toda a parte coberta de mato carrasquento, a que chamam catingas. O terreno só é fecundo onde há bosques, dos quais não é abundante; se excetuarmos os distritos da capital Meia Ponte, Pilar e Santa Luzia, pelas margens do Rio Corumbá, admira-se o chamado Mato-Grosso, de 9 léguas de largura na estrada de Meia Ponte para a capital no centro deste intervalo, e cujo cumprimento estende-se do Rio das Almas até o centro de Caiapônia (Casal, 1975: 147).

Embora Casal indique que o “mato carrasquento” é denominado *catinga*, poder-se ia questionar a predominância do uso desse vocábulo, frente ao de *cerrado*, por parte dos goianos, na década de 1810.



No entanto, Casal, efetivamente, se preocupou, na *Corografia brasílica*, pelo registro veraz da toponímia e da nomenclatura vegetal das províncias brasileiras por ele examinadas; de fato, ele recolhe o termo “Mato-Grosso” goiano.

A fixação acadêmica definitiva, no registro escrito, do termo *cerrado* como substantivo deveu-se ao dinamarquês Eugênio Warming, quem residiu no Brasil de 1863 a 1866. Ela observa-se no seu tratado fitobiológico sobre a Lagoa Santa de Minas Gerais (Warming, 1973 [1908]); é esta:

Os campos cobrem a maior parte do território. Esta vegetação recebeu o nome de campestre por lembrar tanto a dos prados communs. Designei por campo todo o terreno aberto e essencialmente coberto por gramíneas; mas acrescentando “sem árvores ou apenas com vegetação especial, baixa e arbustiva” quiz indicar que esta formação não é inteiramente uniforme. Ao redor da Lagoa Santa distinguem-se as formas: campos limpos e campos cerrados que communmente são denominados cerrados. As diferenças provêm da natureza do terreno, especialmente das condições da superfície, dos declives e da diferença na composição do solo que disso resulta. [...] Mas, quanto mais plano for o terreno e quanto mais argilla, tanto mais numerosas são as arvores e os arbustos; taes campos chama-se cerrados (Warming, 1973 [1908]: 32).

Warming não se responsabiliza pela substantivação do adjetivo *cerrado*. Ele diz que os “campos cerrados” eram, comumente, “denominados cerrados”; isto é, ele limita-se a recolher a substantivação que teria sido obra dos moradores nativos. Poder-se-ia questionar se essa asseveração de Warming conteria os mesmos termos no texto original em dinamarquês. Ele publicara o seu tratado em Copenhague em 1892 com o título *Lagoa Santa. Et Bidrag til den biologiske Plantegeografi*, sendo traduzido ao português em 1908 pelo botânico sueco Alberto Löfgren. Porém, no estudo e na reprodução do material iconográfico de Warming que efetuou Aldo Luiz Klein (2002) verifica-se que Warming, escrevendo em dinamarquês, não adaptou ou traduziu à sua língua os termos *cerrado* e *campo cerrado*; ele, simplesmente, os reproduziu em português, com o qual se infere, por um lado, que eles, ao serem para Warming distintivamente brasileiros, não tinham equivalência na língua dinamarquesa e, por outro, que, na década de 1860, no uso da língua portuguesa do Brasil já se apreciava a substantivação em singular. Um século depois essa substantivação estava plenamente consolidada; em 1962 o Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo realizou o primeiro *Simpósio sôbre o Cerrado do Brasil*.

### Referências

ALMEIDA, Victor Coelho de. *Goiaz: usos, costumes, riquezas naturais*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1944.

ALVARES, Geraldo Teixeira. *A luta na epopéia de Goiânia: uma obra de engenharia nacional*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1942.

AMADO, Janaina. Região, nação, sertão (1995). Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1990/1129>>. Acesso em: 13 jul. 2010.

ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL. *Revista do Arquivo Histórico Estadual*, n. 2, p. 35-37, 1980.

BERNÁRDEZ, Manuel. *O coração do Brasil*. Rio de Janeiro: João Leite, 1922.

BORGES, Mauro. *A conquista do cerrado*. Brasília: Senado, 1985.

CASAL, Manuel Aires de. *Corografia brasílica ou Relação histórico-geográfica do reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

CONSELHO DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO. *Goiás, uma nova fronteira humana*. Rio de Janeiro: Conselho de Imigração e Colonização, 1949a.

CONSELHO DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO. *Atas da I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização*. Rio de Janeiro: Conselho de Imigração e Colonização, 1949b.

COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madri: Gredos, 1987.

COUTINHO, Leopoldo Magno. O bioma do cerrado. In: KLEIN, Aldo Luiz (org.). *Eugen Warming e o cerrado brasileiro: um século depois*. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CRULS, Luiz. *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947.

FAISSOL, Speridião. *O “mato grosso de Goiás”*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mapa de Biomas do Brasil* (2004). Disponível em: <[ftp://geofftp.ibge.gov.br/mapas/tematicos/mapas\\_murais/biomas.pdf](ftp://geofftp.ibge.gov.br/mapas/tematicos/mapas_murais/biomas.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2010.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Acesso em: 13 jul. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *A localização da Nova Capital da República*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1948.

JUNIOR, Francisco de Barros. *Caçando e pescando por todo o Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1947.

KLEIN, Aldo Luiz (org.). *Eugen Warming e o cerrado brasileiro: um século depois*. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

KUBITSCHKE, Juscelino. Discurso (1952). Disponível em: <[http://www.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD\\_CHAVE=1254](http://www.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=1254)>. Acesso em: 13 jul. 2010.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von (1840-1906). *Flora Brasiliensis*. Disponível em: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br/>>. Acesso em: 13 jul. 2010.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. A fisionomia do reino vegetal no Brasil. *Arquivos do Museu Paranaense*, v. 3, p. 239-71, 1943.

PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. *A Nova Capital Federal e o Planalto Central do Brasil – 2 ed.* Facsimilada. Brasília: Thesaurus, 1985.

RAMOS, Victor de Carvalho. *O descobrimento de Goyaz*. Uberaba: Jardim, 1925.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Florestas anãs do Sertão – O Cerrado na História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RODON, Frederico A. *Pelo Brasil Central*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SAMPEDRO, Francisco Javier Cruzeiras. A parroquia de Carreira no ano de 1753. Disponível em: <<http://www.carreira.info/pdf/ensenada.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2010.

SILVA, Hermano Ribeiro da. *Nos sertões do Araguaia*. São Paulo: Saraiva, 1949.

*Statement submitted by the United States of Brazil to the President of the United States of America as arbitrator (1894)*. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/statementsubmit02brazgoog>>. Acesso em: 13 jul. 2010.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. *Memórias*. Goiânia: Livraria Editora Cultura Goiana, 1973.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *A questão da Capital: marítima ou no interior?* Viena: Edição do autor, 1877.

WALTER, Bruno Machado Teles. *Fitofisionomias do bioma Cerrado: síntese metodológica e relações florísticas*. <<http://www.ipef.br/servicos/teses/arquivos/walter,bmt.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2010.

WARMING, Eugênio. *Lagoa Santa*: Belo Horizonte: Itatiaia, 1973.